

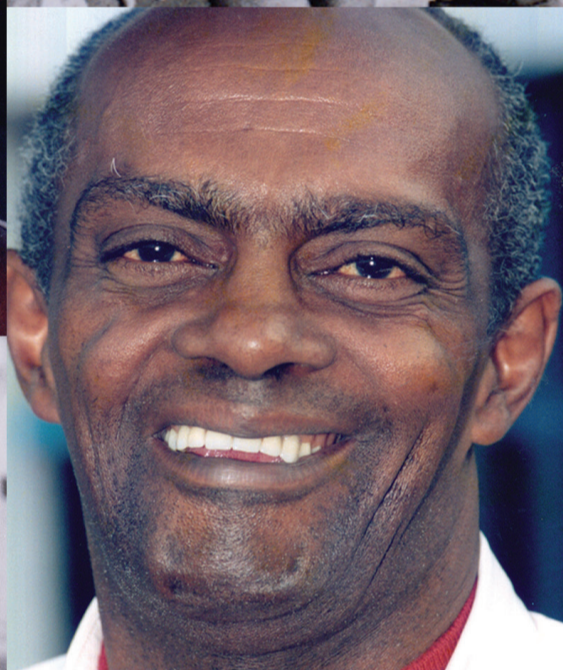
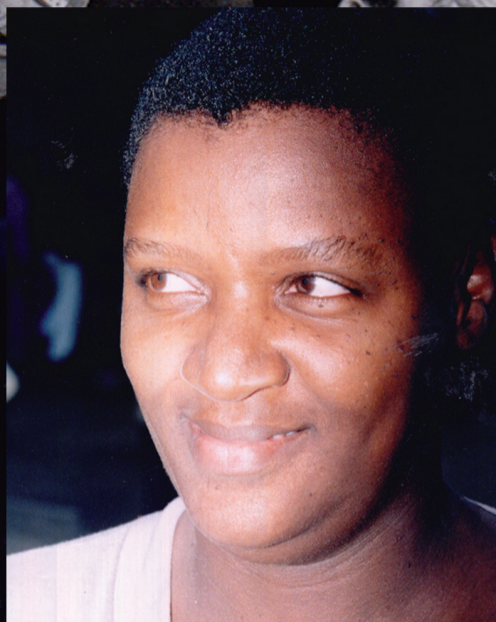
A SERVIÇO DA CATEGORIA

FASUBRA **FEUT**

Jornal do SINTUF RJ

www.sintufRJ.org.br

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ



28 DE OUTUBRO

PREFEITURA

DIA DO TRABALHADOR DO SERVIÇO PÚBLICO

DOIS PONTOS

Falta de segurança no trabalho preocupa a categoria no Ipub

No dia 24 de outubro, a direção do Sintufjr foi ao Instituto de Psiquiatria (Ipub) ouvir os trabalhadores da unidade sobre suas demandas. Em 2011, eles entregaram à direção uma pauta de reivindicações, mas até hoje nenhum item foi atendido. Nesta quarta-feira, 30, a direção retorna ao Ipub para participar de reunião dos trabalhadores com a diretora Maria Tavares Cavalcanti, quando cobrarão soluções para os problemas apresentados.

Os coordenadores de Administração e Finanças, Rodrigo Araújo e Nivaldo Holmes Filho, e o coordenador de Comunicação Sindical, Francisco Carlos, após ouvirem as demandas da categoria, se com-

prometeram a encaminhá-las, pois algumas fogem à alçada da direção do Ipub, sendo de responsabilidade da Pró-Reitoria de Pessoal. Os dirigentes também informaram que, como o Sindicato ficou sabendo dos problemas antes daquele dia, já havia feito uma primeira reunião com a diretora.

Condições de trabalho – Diante da urgência da melhoria das condições de trabalho – os trabalhadores disseram que acidentes no trato com pacientes têm aumentado e se agravado, mas a direção do Ipub não garantiu a segurança no trabalho –, os técnicos-administrativos pedem providências ao Sindicato. A morte da tia de um paciente

provocada por ele mesmo dentro do próprio hospital foi citada para exemplificar o nível de exposição a que a categoria está submetida.

Delegado sindical – Os dirigentes sindicais explicaram aos trabalhadores a importância de terem um representante da unidade no Sindicato, e por isso deveriam promover a eleição de delegado sindical de base. O delegado tem legitimidade para encaminhar as reivindicações e cobrar soluções para os problemas apresentados pela categoria no local de trabalho. Os funcionários se entusiasmaram e solicitaram orientação para a realização da eleição.

Ebserh – A diretoria sindical

expôs a luta conjunta empreendida pelo Sintufjr, Adufrj e DCE contra a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) para preservar a autonomia da UFRJ e manter os hospitais vinculados à universidade.

Os coordenadores informaram que com a mobilização da categoria eles conseguiram afastar a possibilidade imediata de contratação da empresa, dar início a ações para recuperar os HUs e discutir a alternativa, apresentada pelo movimento, de instalação do Complexo Hospitalar.

Os trabalhadores ficaram surpresos com a informação sobre o distanciamento da Ebserh da UFRJ, e denunciaram que no dia anterior

uma equipe da empresa esteve no Ipub fazendo levantamento da unidade. Os coordenadores consideraram a denúncia grave, pois vai contra a decisão do Conselho Universitário, por isso cobrariam uma posição da Reitoria.

Outras questões – Na reunião foram discutidos também os problemas de pagamento do adicional de plantão hospitalar (APH), greve nas unidades de saúde e extraquadro. No Ipub, assim como nos demais hospitais da UFRJ, o destino dos trabalhadores extraquadro preocupa a todos. A reunião foi acompanhada pelos apoiadores da direção sindical, Fátima Rosane e Aroldo de Jesus, ambos da Neurologia.

PEC da ascensão funcional

No dia 15 de outubro, os coordenadores do Sintufjr Francisco Carlos e Celso Procópio, que estavam em Brasília para o Encontro de Negros, Negras e Militantes Antirracismo da Fasubra, entregaram à deputada federal Andrea Zito (PSDB) documento solicitando informações sobre a tramitação da PEC 34/2007, da qual

é autora, e colocando também a entidade à disposição da parlamentar para colaborar no que for necessário para a aceleração da conclusão do processo legislativo.

A proposta de emenda à Constituição estabelece critérios para realização de concurso interno para ascensão funcional na Administração Pública.

Inclusão digital para aposentados

O Programa de Preparação para Aposentadoria (PPA/UFRJ) oferece curso de inclusão digital para os trabalhadores aposentados da universidade. Inscrição: até 1º de novembro, no Setor de Atualização Cadastral de Inativos (no térreo do prédio da Reitoria). Período de aulas: de 4 a 11 de novembro, às segundas-feiras, das 9h às 12h (carga horária total de 6 horas). Local: CT, bloco H, sala 200 (2º andar), Fundão.

Plenária sobre segurança e mobilidade

Por iniciativa de um grupo de estudantes (Voz Ativa) e com o apoio do DCE Mário Prata, a falta de segurança e a deficiência do transporte coletivo na Cidade Universitária serão debatidas na plenária que será realizada nesta terça-feira, dia 29, às 12h, no auditório do bloco A do CT. Participarão da plenária o prefeito da UFRJ, Ivan Carmo, a Divisão de Segurança (Diseg) e o secretário de Transporte do Rio de Janeiro.

APHs: vitória da categoria

Conforme a diretoria sindical divulgou na edição 1050 do Jornal do Sintufjr, a categoria no IPPMG foi vitoriosa na luta pelo pagamento dos APHs de julho e agosto. A PR-4 confirmou que os atrasados serão pagos na folha de outubro.

Assim sendo, a diretoria do Sintufjr, com o apoio da Fasubra, cumpriu sua tarefa de defender e exigir respeito ao direito dos trabalhadores do IPPMG, que

desempenharam suas atividades e de forma inexplicável estavam sendo usurpados no seu legítimo direito de receber pelo trabalho realizado.

Saudamos a todos, em particular aos integrantes da Comissão de Mobilização que atuaram no ato de pressão ao secretário do MPOG Sergio Mendonça e, com isso, mostraram a capacidade do Sintufjr de não aceitar limites quanto aos direitos da categoria.

III Fórum Siass é esta semana

Começa nesta terça-feira, 29, e segue até quarta-feira, 30, o III Fórum Permanente Siass-RJ, no auditório Horácio Macedo, no Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN). O evento é destinado a todos os trabalhadores das instituições federais do Estado do Rio de Janeiro e contará com a presença de representantes do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG). “Fortalecimento e Inovação da Promoção da Saúde no Siass-RJ – Integrando Promoção, Vigilância e Perícia” é o tema deste fórum.

Um livro para emocionar

A trabalhadora do Sintufjr Cida Oliveira autografa seu novo livro *Amálgama – Contos de Superação, Comédia e Ficção* no dia 5 de novembro, terça-feira, das 17h às 19h, na livraria Saraiva, na Rua do Ouvidor, 98, Centro do Rio de Janeiro. Graduada em Português e Literatura, esta é a terceira obra literária de Cida. A categoria está convidada.

Atenção

Aposentados do Sintufjr

O próximo encontro dos aposentados e pensionistas do Sintufjr será no dia 12 de novembro, terça-feira, às 10h, na subsele sindical no HUCCF, Cidade Universitária. Pauta: Demandas da greve de 2012 (reposicionamento etc.); Eleição de delegados ao Encontro Nacional de Aposentados da Fasubra; Debate sobre delegados sindicais de base do Sintufjr e Encaminhamentos.

“Criminalização da pobreza e dos movimentos sociais”

Este é o tema do seminário que a Decania do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) realiza de 31 de outubro a 1º de novembro, com início às 9h30. O evento reunirá os economistas Carlos Lessa e Theotônio dos Santos, presentes na mesa de abertura; os professores Mauro Iasi, Ricardo Rezende, Roberto Leher, José Paulo Neto, da UFRJ, e Dênis de Moraes e Gaudêncio Frigotto, da UFF; além de integrantes de movimentos sociais, entre outros. Local: auditório Professor Manoel Maurício de Albuquerque, no andar térreo do prédio do CFCH, e no auditório da Escola de Serviço Social (ESS), ambos no campus da UFRJ na Praia Vermelha. O endereço é Avenida Pasteur, 250, Urca. A entrada é franca.

Curso Prevenção e Combate a Incêndio

Inscrições na sede do Sintufjr, de 30/10 a 1º/11. O curso será realizado de 4 a 9 de novembro, das 9h às 13h, na sala 10E/37, no 10º andar do HUCCF.

Entidades e UFRJ realizam ato pela liberdade de manifestação

O local foi a escadaria do IFCS, no Largo de São Francisco, cenário de resistência à ditadura militar

Ações do Estado contra as manifestações de rua e seus participantes, que vão desde prisões políticas em massa a abertura de processos ilegais contra militantes, estudantes e trabalhadores, têm tido resposta à altura, como a do dia 23 de outubro, na escadaria do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCS). Foi o ato público pela Liberdade de Manifestação realizado pelo IFCS, Sintufrj, Adufrj e DCE Mário Prata. Novos atos serão organizados pela plenária de movimentos sociais.

O ato na escadaria do Instituto foi simbólico por dois motivos: pelo local ter sido um espaço de resistência ao regime autoritário e pelo fato de muitos alunos, ex-alunos e trabalhadores da UFRJ constarem da longa lista de agredidos e presos pela polícia do governador Sérgio Cabral. A campanha dos movimentos sociais, sindicais, estudantis e populares tem como bandeiras: liberdade de organização e manifestação; contra as prisões políticas e os processos ilegais; contra o Estado autoritário e policial e contra a criminalização dos movimentos sociais.

Dizer não

“Que Estado democrático é esse que prende ilegalmente, tortura, mata e desaparece com seus cidadãos? Nesse sentido, da mesma forma que perguntamos ainda hoje onde está o nosso aluno Stuart Angel Jones, em nome de tantos outros mortos e desaparecidos, perguntamos também onde está Amarildo de Souza? Stuart, desaparecido nas garras do regime militar; Amarildo, desaparecido nas engrenagens policiais do Estado democrático. É por isso que resolvemos organizar este ato público, para mais uma vez, como sempre fizemos, dar um não a tudo isso”, declarou o diretor do IFCS, Marco Aurélio Santana, na abertura.

Os dirigentes das entidades usaram mordidas para representar a tentativa do governo de calar as vozes discordantes e acabar com o livre direito à manifestação. Militantes que foram presos também participaram do ato, que teve como trilha sonora a música “Proibido proibir”, de Caetano Veloso.

O presidente da Adufrj, Cláudio Ribeiro, foi o primeiro a falar. “Não podemos naturalizar de forma



Fotos: Renan Silva 23/10/2013

TADEU Lemos (DCE), Francisco de Assis (Sintufrj), Marco Aurélio Santana (IFCS) e Cláudio Ribeiro (Adufrj), amordaçados, compuseram a mesa que conduziu o ato, na quarta-feira



MANIFESTANTES no Largo de São Francisco **ESTUDANTES** protestam na escadaria do IFCS



alguma qualquer prisão, qualquer detenção, qualquer repressão que aconteça em relação às manifestações públicas. Não podemos aceitar nenhuma forma de repressão à nossa forma de manifestação por direitos. Hajamos cada vez mais para garantir nosso direito à liberdade”, conclamou.

Sintufrj

O coordenador-geral do Sintufrj, Francisco de Assis, afirmou que o aparelho do Estado brasileiro tem raiz repressora e continua atacando trabalhadores e o movimento estudantil, apoiado pela mídia. “Nos ataca nas ruas e nos ataca na burocracia, quando tenta impedir a contribuição sindical de filiados para nos enfraquecer”, afirmou.

Ele lembrou a luta das comunidades e das favelas contra a violência da repressão policial: “O aparelho de Estado continua atacando as comunidades, inclusive com o aumento de pessoas desaparecidas nas áreas das UPPs. E, como na ditadura, continua tentando se impor, e com mais violência”.

O dirigente lembrou também a luta pela democratização dos meios de comunicação: “Os monopólios precisam ser atacados e derrubados. São esses aparelhos do Estado que têm conseguido convencer mentes para não estarem nas ações de rua”.

Francisco de Assis defendeu a autonomia da universidade com democracia – com maior participação dos técnicos-administrativos nas decisões e na condução da universidade. “Estamos juntos com

os companheiros da Adufrj e do DCE para defender e somar na luta pela universidade pública”. O coordenador do Sintufrj encerrou sua fala informando que estava no ato um técnico-administrativo que foi preso, mas que não podia se manifestar. “O companheiro está violentado até no direito de se manifestar”.

Campanha

Tadeu Lemos, dirigente do DCE Mário Prata, iniciou e encerrou

rou sua fala recitando versos de poemas de Paulo Leminski (professor, poeta e crítico brasileiro), como este: “Ainda vão me matar numa rua”. Ele anunciou que o DCE aprovou campanha contra qualquer tipo de autoritarismo e para defender a liberdade e a anulação dos processos de todos os presos políticos nas manifestações, e a desmilitarização das polícias e do Estado. O estudante anunciou também que eles não aceitam polícia na UFRJ nem a privatização da segurança.

“Desde junho uma nova geração (estudantes) está se formando. Fomos às ruas aos milhões, e aqui (no IFCS) está sendo dado o recado. Como os bombeiros falavam (quando a categoria estava em greve), ‘nenhum passo daremos atrás’. Estamos aqui para lutar pelo que gerações passadas garantiram e por muito mais. Não vamos nos esquecer da nossa luta. Não vamos sair da rua. Ela (a rua) nos pertence, e quem luta conquista. Lutar não é crime, é um direito. No nosso caso, um dever”, disse o líder estudantil.

Tadeu denunciou que uma estudante da UFRJ e ex-diretora do DCE está no hospital internada, pois teve a casa queimada. Ele disse ainda que a imprensa noticiou que ela um dia antes do incêndio

havia denunciado pelo facebook práticas de repressão da polícia nas manifestações. Segundo Tadeu, o DCE quer a apuração de todas as denúncias e vai acompanhar o caso.

Declarações

Os presos políticos das manifestações (Caio Brasil, Gustavo Kely, Sininho, Ernesto Fuentes, Adilson Ferreira) deram seus depoimentos. Os advogados que acompanham as manifestações, João Batista Damasceno (da Associação dos Juizes pela Democracia) e João Tancredo (do Instituto de Desenvolvimento e Direitos Humanos), falaram das arbitrariedades e ilegalidades que estão sendo cometidas. Um vídeo feito pelo coletivo Vinhetudo com imagens de passeatas foi exibido. Parlamentares e representantes de entidades fizeram suas saudações.

Nota de solidariedade do Sintufrj

“O Sintufrj declara solidariedade a todos os presos, processados e perseguidos pela Polícia Militar, no dia 15 de outubro, durante a manifestação justa de milhares de pessoas em prol dos íntegros guerreiros da educação do Rio de Janeiro.

Nesse dia, após truculenta e injustificada violência contra os trabalhadores da educação e ma-

nifestantes, a PM prendeu cerca de 300 pessoas, entre as quais o técnico-administrativo da Escola de Comunicação da UFRJ João Correia. De acordo com testemunhas no local e imagens de vídeos, ele foi agredido durante a prisão sob a acusação de ter “lesionado um oficial da polícia”.

A diretoria do Sindicato declara apoio ao companheiro sin-

dicalizado, o qual defenderemos contra o processo de uma inverídica acusação de lesão corporal a um oficial da PMERJ.

Seguimos aliados às lutas dos trabalhadores, movimentos sociais e populares, combatendo o autoritarismo, a violência, a tortura e a perseguição política realizada pelos governos municipal e estadual do Rio de Janeiro.”

Reitoria presta contas das ações emergenciais à comunidade do HU

O auditório Alice Rosas lotou de estudantes, técnicos-administrativos e professores para ouvir as explicações da PR-6 e solucionar dúvidas. Ao final da reunião, a sensação de alívio era geral

A pró-reitora de Gestão e Governança, Aracéli Cristina de Sousa Ferreira, e o pró-reitor de Pessoal, Roberto Gambine, apresentaram a trabalhadores e estudantes do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF), na quarta-feira, dia 23, as ações da Reitoria em relação aos problemas de infraestrutura e de pessoal que afetam a unidade.

A reunião foi convocada por representantes dos técnicos-administrativos e docentes que fazem parte do Grupo de Estudos de Alternativas para o HU, preocupados com informes alarmistas sobre o fechamento da unidade.

A apresentação do relatório das ações e investimentos de recursos da Reitoria entre 2012 e 2013 ocorreu também na Congregação da Faculdade de Medicina, na Escola de Enfermagem e no Instituto de Nutrição, e estava prevista para a Faculdade de Farmácia.

Mais atenção ao HU

Aracéli Cristina disse que, em julho, a Reitoria entendeu que era necessária uma ação mais direta na unidade: “Estávamos atuando como sempre atuamos nas unidades. A Reitoria não entra na unidade, se relaciona com a direção”, explicou, acrescentando que essa relação refere-se a transferência de recursos e apoio. Só que em relação ao HU a PR-6 passou a fazer mais, “reconhecendo as dificuldades enormes que o hospital tem”.

Segundo Aracéli, houve mais de 30 reuniões com o pessoal de diversos setores do hospital. “Desse contato direto, surgiram problemas particularmente óbvios, como os da rede elétrica, de gases e de água quente”, que foram tratados como prioridade. E outros, cotidianos, também surgiram, como a licitação

da lavanderia, que estava parada, e o controle de pragas e vetores, que agora está sendo visto.

As ações emergenciais

A pró-reitora descreveu todas as medidas adotadas para a recuperação do HUCFF.

O reparo da rede elétrica já foi contratado e está em curso o processo de contratação do projeto para reforma total da rede. A obra deve durar de dois a três anos. O projeto da rede de gases está sendo revisto e a licitação está prevista para 2014, assim como para a rede de água quente.

A PR-6 fez um contrato para reforma de quatro elevadores e outro para fiscalização da obra. Mas como o fiscal detectou inconsistências no serviço, a conclusão da obra não será mais em setembro conforme previsão inicial.

De acordo com Aracéli, foram retiradas 30 caçambas de lixo da área conhecida como “poeirão” e descoberto um pilar em risco. A direção do hospital contratou obra de escoramento e vai haver uma licitação para reforçar a estrutura do pilar. Em vez de demolir o “poeirão”, foi decidido que o local abrigará a Divisão de Engenharia e Projetos e o Serviço de Manutenção do HU.

Mais uma vez a pró-reitora destacou o laudo dos engenheiros que monitoram o HU e informou que há mais de um ano o prédio está estável.

Recursos financeiros — Aracéli apresentou a lista de empenhos feitos para o HU: R\$ 13 milhões em 2012 e R\$ 7 milhões em 2013 para obras e contratos (como o de limpeza e reforço estrutural) e R\$ 14 milhões em 2012 e R\$ 9 milhões até agosto de 2013 para pagamento de extraquadro.



Fotos: Renan Silva

ARACÉLI fala para uma plateia atenta e ansiosa por informações que a tranquilizassem sobre a segurança do prédio



Luz no fim do túnel

Para o coordenador de Comunicação do Sintufjr Francisco Carlos, e conforme ficou evidente diante de tantas ações relacionadas pela PR-6, faltou gestão profissional no HU, a tal ponto que levou o hospital às condições em que hoje se encontra. “Outros gestores”, lembrou, “tiveram preocupação com a boa condução da unidade, mas isso se perdeu ao longo da caminhada”.

“Que bom que tivemos o apoio de uma gestora com competência e que nos mostra uma luz no fim do túnel”, disse o auxiliar de enfermagem Romildo Antunes. Ele

criticou os dirigentes do HU que desejavam a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserrh) a qualquer custo, mas percebendo que a opção pela empresa fora afastada anunciaram que o hospital fecharia. Por fim, elogiou as iniciativas: “A comunidade acredita no trabalho de vocês”.

José Caetano, da Divisão de Enfermagem, destacou a gravidade dos problemas que levaram à “intervenção branca da Reitoria bem-vinda ao HU”. “Precisamos de ajuda”, disse, porque a atual gestão da unidade está fadada ao fracasso. Caetano sugere

a realização de estudo sobre a capacidade física do hospital e o dimensionamento do pessoal necessário para o seu funcionamento, e perguntou a Aracéli Cristina por quanto tempo ela ainda atuaria no HU.

A pró-reitora, que foi designada pelo reitor para coordenar as ações emergenciais no hospital, disse que o HU não está sob intervenção, mas informou que ficará na unidade até o fim do mandato do reitor: “Enquanto Levi for reitor tenho a missão de fazer e acompanhar que (as iniciativas) sejam realizadas até o final”.

Consuni passa a conhecer as ações

No dia seguinte à exposição no HU, a pró-reitora Aracéli Cristina apresentou o relatório das ações aos membros do Conselho Universitário (Consuni).

A representante dos adjuntos do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE), Maria Malta,

comentou que as medidas adotadas provam que a UFRJ pode agir coletivamente para dar conta dos problemas dos hospitais, mobilizando várias unidades. A representante dos professores adjuntos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), Mônica Perei-

ra, depois de elogiar o trabalho que está sendo realizado no HU, quis saber “por que tudo isso não foi feito antes”.

O reitor Carlos Levi explicou que as ações no HU não eram recentes, vinham sendo realizadas já há algum tempo, e que

muitas iniciativas referentes a obras dependiam da garantia de estabilidade do prédio. Ele assegurou que o prédio é monitorado continuamente, mas o prazo era de no mínimo um ano para se ter certeza de que a construção não oferecia nenhum risco, e somen-

te a partir dessa constatação era possível planejar intervenções.

Segundo Aracéli Cristina, as ações tiveram início em 2012 e foram intensificadas a partir de julho de 2013, quando a Reitoria entendeu que “precisava de uma ação mais direta” na unidade.

FASUBRA ANTECIPA

Em 2014 os trabalhadores do serviço público responderão

ao descaso do governo com greve geral por tempo indeterminado



O coordenador de Organização Sindical da Fasubra, João Paulo Ribeiro (JP), não tem dúvidas: “Caminhamos numa linha de avançar para grandes mobilizações, pressionando o governo para que nos dê respostas no começo do ano que vem, e, se não tivermos respostas positivas às nossas reivindicações, podemos levar a categoria a uma grande greve geral do serviço público federal. Estamos organizando o caminho para isso e, se possível, começando a coordenar a mobilização dos servidores estaduais, porque os problemas deles são semelhantes aos nossos”.

JP lembra que a Fasubra protocolou no MEC e no Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) a pauta de reivindicações da categoria em janeiro de 2013, e na época havia a perspectiva de avanço nas negociações. Mas nada ocorreu. “O governo recebeu a gente uma vez, em março. Estamos em outubro e nem sequer responde a nosso contato telefônico”, diz JP, ao mesmo tempo que anuncia os planos de luta da Fasubra para 2014, ano eleitoral, portanto propício para uma resposta firme da categoria ao descaso do governo.

Qual é o perfil do trabalhador do serviço público hoje?

Quais são as nossas perspectivas futuras?

“O perfil do servidor público está um pouco mais técnico, mais elaborado, devido às inovações tecnológicas. Totalmente diferente daquele dos anos 1990. De 2000 para cá, os trabalhadores vieram com novas ferramentas de gestão, importantes para a agilização (das tarefas) e para acabar com a burocracia do papel. Em compensação abriu-se um vácuo, um espaço em branco, pela falta de capacitação. Hoje o perfil é de uma categoria

mais ágil, mais cibernética, ligada a inovações tecnológicas e informações rápidas. E quem começou o movimento sindical no final dos anos 1980 ou em 1990 tem que se capacitar, se não vai ser levado ou não vai conseguir falar mais o linguajar do novo técnico. A nossa categoria deu um salto enorme. Não apenas de inovação tecnológica, mas de idade”, afirma JP.

Ascensão funcional

JP conta que conquistou o Sindicato de sua universidade – a Estadual de Campinas, onde ingressou com 13 anos, como aprendiz – em 1991, quando tinha 20 anos, dois anos depois de ser aprovado em concurso interno como gráfico. Com o tempo, tornou-se técnico em manutenção e depois técnico em eletrônica.

“Conseguí ter uma progressão, o que não se vê mais hoje por falta de elementos para isso”, diz ele, apontando a importância da luta pela ascensão funcional, prevista na PEC 257/95.

“Carreira não existe se não houver ascensão funcional. Todo elemento de carreira passa pela progressão”, diz ele, e dá o exemplo: “Se há 10 vagas para técnico-administrativo, sete serão destinadas aos candidatos externos e três aos primeiros selecionados en-

tre os auxiliares administrativos da instituição com capacidade de assumir essas vagas de técnico. Eles vão fazer o mesmo concurso (aberto ao público). Provou que tem capacidade, entra e evolui por dentro da Carreira, como progressão”.

O coordenador informa que a Fasubra ajudou a construir a PEC da ascensão funcional, que acabaria com o desvio de função que existe, como no caso, por exemplo, de datilógrafos que são digitadores, mas não são reconhecidos como tais. “Somos mais experientes, já estamos adaptados a essas ferramentas sociais e tecnológicas, só que a universidade vive no passado e não aceita a ascensão funcional. Não aceita a qualificação.

O gestor hoje não pode valorizar o técnico que se capacita e a universidade não tem condições de segurar o profissional qua-

lificado. Temos que reivindicar mais autonomia para que a universidade possa qualificar melhor os profissionais. Precisamos implementar nossa Carreira na plenitude”, afirma JP, lembrando que a Carreira conquistada tinha como base o Plano de Cargo Único (PCU). “Não conseguimos convencer os gestores sobre essa ideia e hoje há um impasse”, lamenta.

Outro desafio imposto à categoria, segundo JP, é vencer os ataques ao Regime Jurídico Único (RJU). Ele lembra, por exemplo, a Constituição de 1988, que foi festejada pela sociedade mas que já teve mais de mil alterações: “Ela é um marco histórico e está destrocada.

É a mesma coisa que ocorre com o RJU”.

Terceirização

Por isso, diz ele, a importância de se lutar pela ampliação de vagas, não de terceirizados, mas de concurso público, como também se deve impedir que cargos sejam extintos, como quer o governo. Segundo JP, num hospital pedreiros e serventes são tão essenciais quanto maqueiros e auxiliares de enfermagem. “Como se faz expansão da universidade sem prédios? Estamos crescendo, mas ainda há uma visão atrasada de gestores que acham que alguns cargos têm que ser extintos”, constata, ponderando que em muitos países desenvolvidos não há terceirização em instituições e órgãos públicos.

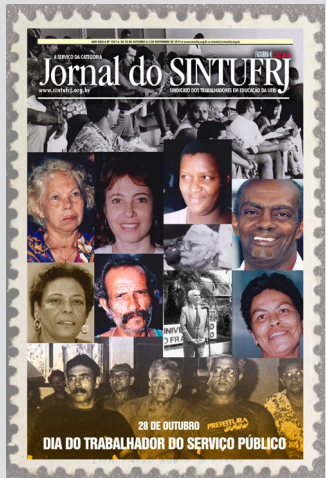
Com a terceirização, avalia o sindicalista, a universidade fica mais vulnerável, pois o trabalhador efetivo valoriza muito mais o serviço. O problema, a seu ver, é que aqueles que pensam gestão pública no governo vieram da iniciativa privada e querem aplicar, no setor público, o que acham adequado para o setor privado.

JOÃO Paulo Ribeiro



Jovem dirigente da Fasubra

defende o resgate da história de lutas da categoria e a formação da consciência política dos recém-concursados



“Duas iniciativas que precisam ser adotadas pelos sindicatos: investir em formação e em memória”, diz Diego Gonçalves Rodrigues, 26 anos, o dirigente mais novo da Fasubra, avaliando que os que estão chegando precisam conhecer a trajetória de lutas e conquistas da categoria.

Ele é coordenador de Políticas Sociais e Gênero da Federação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) há três anos e sete meses. Trabalha na secretaria da chefia da Divisão de Proteção Patrimonial e da Comunidade.

Nova geração de lideranças

Assim que ingressou na UFMS, em 2010, se sindicalizou. Mas sua trajetória no meio sindical começou bem antes. Ele era intérprete de Libras (linguagem brasileira de sinais) e filiado ao Sindicato dos Professores da Educação Básica. “Eu já tinha uma história de relação com a CUT, participava dos congressos estaduais da Central e da vida do sindicato e da Federação Estadual dos Profissionais de Educação do Mato Grosso do Sul”, conta ele.

Já na UFMS, como trabalhava em uma cidade do interior (Ponta Porã) distante da sede, Campo Grande, tinha dificuldade para participar ativamente do movimento sindical. Apesar disso, ainda em 2010 foi indicado representante do sindicato no Conselho do campus de Ponta Porã – o equivalente a uma Congregação na UFRJ.

A partir de 2011 começou a participar com mais frequência das assembleias convocadas pelo sindicato, em Campo Grande. Ainda nesse ano, integrou uma caravana a Brasília, foi delegado ao congresso da categoria e, na eleição para a direção do sindicato, fez parte da chapa da Tribo e foi eleito diretor. A partir daí os companheiros começaram a estudar a possibilidade de indicação de seu nome para a direção da Fasubra. “A proposta era continuar renovando quadros nacionalmente no movimento sindical da categoria”, explica.

O serviço pú-

blico, segundo Diego, nos últimos anos passa por grande renovação de quadros em função dos concursos públicos. Mas, por outro lado, a seu ver há um aspecto preocupante: a terceirização que tem se intensificado muito.

“Alguns cargos estão ameaçados, inclusive da área administrativa da universidade. A gente ainda não está vislumbrando isso, mas pelo andar da carruagem estão em perigo cargos como de assistente em administração, que podem dar lugar a terceirizados”, afirma, preocupado, o sindicalista.

Para Diego, a terceirização e as políticas sociais de gênero, que envolvem questões relativas aos direitos dos LGBT, das mulheres e racismo dentro das universidades, são questões que devem ser mais abordadas pelas entidades. “Todos esses temas merecem ter mais atenção, o que também é uma forma de fortalecer o movimento sindical h o j e .

Entrou muita gente nova nas universidades, e como atrair esse pessoal para o sindicato? Abordando as questões sociais. É uma estratégica e uma frente de atuação”, diz.

Outras frentes de luta

O coordenador da Fasubra relaciona outras frentes de lutas importantes para a categoria, como o aprimoramento da Carreira, o dimensionamento de pessoal (que precisa ser discutido com urgência, em função da terceirização) e a democratização nas universidades, porque é uma questão que se reflete nos espaços de poder dentro da instituição.

Embora reconhe-

ça que é preciso avançar, Diego faz questão de ressaltar que todas as conquistas da categoria foram fruto da luta organizada nos sindicatos e na Federação: “Foram quase 20 anos sem concurso público, e quem está chegando hoje à universidade deve isso à luta de anos da categoria. As pessoas que estão entrando têm formação de nível superior – mesmo que assumam cargos de nível médio – e possuem uma certa consciência política, mas, infelizmente, desconhecem a nossa história”.

Essa é uma das razões pelas quais os sindicatos devem investir muito em formação política e na organização da memória sindical. “Os sindicatos precisam investir também em memória, para resgatar a história de lutas da categoria para as novas gerações. Eu me preocupo muito com isso, pois sou das pessoas que reconhecem o empenho dos que vieram antes. A gente precisa reconhecer o valor dos que lutaram e, a partir do legado que nos deixaram, construir o caminho adiante”, afirma Diego.

DIEGO
Gonçalves
Rodrigues



MENSAGENS E EXPECTATIVAS

Garantir direitos é a nossa meta

A praga do neoliberalismo, que desde os anos 1990 procura enfraquecer a presença do Estado nos rumos do país, tem atingido duramente o funcionalismo público. Nos anos FHC, a privatização foi a principal política de governo. Nos governos recentes, de Lula e Dilma, a privatização surge por meio de mecanismos disfarçados. A criação de fundos privados na Previdência, como o Funpresp, e de empresas como a Ebserh é exemplo claro. No caso da Ebserh, tema que tem dominado a agenda de lutas aqui na UFRJ, seu impacto maior se daria precisamente na vida dos funcionários dos hospitais.

O ataque a direitos conquistados, como

é o caso das nossas ações judiciais, e a não regularização da Convenção 151 da OIT, que garante a organização sindical e a liberação de dirigentes eleitos pela categoria, se somam a tantas outras arbitrariedades cometidas por governos passados e pelo atual. É por isso que neste 28 de Outubro, Dia do Trabalhador do Serviço Público, uma das formas de lembrar a data é ampliar a consciência sobre a necessidade de se manter firme na luta para garantir direitos. A outra é celebrar a autoestima profissional de quem tem como referência os serviços públicos, e não o mercado privado que põe o lucro acima da vida.

Diretoria do Sintufrj



“A Central Única dos Trabalhadores não apenas esteve ao lado dos trabalhadores públicos em suas lutas específicas nos últimos 30 anos, mas foi formada por estes trabalhadores, junto aos operários da cidade e do campo. Nestes 30 anos de existência da CUT, os trabalhadores públicos conquistaram grandes avanços como a garantia da estabilidade pela Constituição de 1988 e da organização sindical e negociação coletiva pela Convenção 151 da OIT, ratificada pelo governo brasileiro, entre outras. Além das pequenas vitórias, conquistadas no dia a dia da luta contra a precarização do trabalho e dos serviços públicos. Grandes ou pequenas, as vitórias são fruto de organização, mobilização e luta dos sindicatos e trabalhadores. Por isso, em nome da CUT-RJ, aproveito o Dia do Trabalhador do Serviço Público para parabenizar a direção do Sintufrj e os trabalhadores da UFRJ por toda essa trajetória de lutas e conquistas e dizer que o Sindicato e a categoria dos Técnicos-Administrativos em Educação da UFRJ podem continuar contando com a CUT-RJ nas lutas atuais e nas que virão.”

*Darby Igayara
Presidente da CUT-RJ*

“Saúdo os técnicos-administrativos da UFRJ pela passagem do seu dia e reafirmo que a CTB está lado a lado com os trabalhadores públicos na luta pela valorização profissional e na defesa das negociações de suas reivindicações com os governos”.

*Ronaldo Leite
Presidente da CTB*

Para a aposentada Eunice Vianna, 76 anos, nem todas as mudanças ocorridas na UFRJ desde que chegou à instituição, na década 70, contribuíram para a melhoria do ambiente de trabalho e para a relação entre os colegas. “Muita coisa mudou, mas com o progresso veio também as diferenças de compromisso, respeito e dedicação. A gente, naquela época, sentia prazer no que fazia, porque queríamos ser referência. Não é puxar saco de chefias, mas ser responsável”.

Na opinião dela, “o funcionário atual deixa muito a desejar”, e explica por quê: “Ele não cumpre com as obrigações, se comporta apenas como empregado, esquecendo-se da sua missão, que é servir a sociedade”.

O enfermeiro Nelson Alves Marins, 72 anos, trabalhou no CTI do HU de 1979 a 2000. Atuou em todas as campanhas e em cirurgias de transplantes que o HU foi pioneiro, como o de pulmão, e acompanhou médicos de renome.

“Vejo uma diferença enorme do HU de antes para o de hoje e fico triste. O hospital bombava!”, diz.

Como militante sindical, Nelson luta pela aprovação da PEC 555, que isenta os aposentados do pagamento da contribuição previdenciária; pelo reenquadramento dos aposentados na atual carreira dos técnicos-administrativos em educação, o que beneficiará os que ainda vão se aposentar; e por melhoria salarial. “Sem essas conquistas não dá para comemorar o Dia do Trabalhador do Serviço Público”, lamenta.

Há 44 anos, Deise Lobo Calvante, ou melhor, tia Deise, é a pessoa mais requisitada e imprescindível no Instituto de Matemática. Começou na unidade como auxiliar administrativa, em seis meses tornou-se a substituta do chefe da Seção de Ensino, que passou a se chamar Secretaria Acadêmica de Graduação e ela é a chefe. Diariamente chega entre 6h e 6h30 para dar conta das muitas tarefas que envolvem seis

curiosos, embora conte com oito colaboradores.

“Sou uma funcionária atípica, me dediquei ao instituto e por isso não fiz graduação, mas estou sempre me atualizando para exercer bem minhas funções. Amo o que faço, me identifico com o atendimento aos alunos, em ajudá-los, orientá-los, resolver os problemas deles. Por isso sou chamada de tia, inclusive pelos professores, muitos dos quais foram alunos daqui e eu me orgulho de ter visto todo o esforço deles para chegar onde estão.”

Sobre a nova geração de trabalhadores, ela é otimista: “Eles também terão carinho pela UFRJ. Afinal, estão entrando por concurso público, com oportunidade de estudar garantida e com uma meta a ser atingida. Vão crescer no trabalho e culturalmente”.

Luis Claudio Negreiros Pontes, assistente de administração na Coordenação de Política de Pessoal, sente-se bem realizado na UFRJ, mas foca em um objetivo: “Minha pretensão é um fazer graduação e

tentar chegar à aposentadoria com tudo o que tenho direito dentro da carreira. Assim também vou crescer profissionalmente”. O que para ele tornaria os ambientes de trabalho mais agradáveis na universidade seria uma estrutura melhor e mais espaços. “Parece que a gente trabalha um amontoado no outro”, queixa-se.

A técnica de enfermagem Andrea da Silva Vieira, concursada de 2004, sofre com a situação atual do HU. Atualmente na Quimioterapia, onde são atendidos uma média de 50 pessoas por dia, ela diz que faltam medicamentos e materiais essenciais ao tratamento, como, por exemplo, hidrocortisona. Mas uma coisa ela garante que sempre tem: “O sorriso e a alegria da equipe, o nosso abraço amigo”. Aguerida, ela conclui: “Se não é a gente lutar por uma instituição tão grande como essa, quem lutará? Me sinto numa guerra e como soldado na linha de frente. Embora triste e até desesperançosa, eu tenho orgulho da UFRJ”.

Fotos: Renan Silva



EUNICE Vianna



NELSON Marins



TIA Deise



LUIS Claudio



ANDREA Vieira

PRIVATIZAÇÃO

Com forte repressão e truculência, Dilma leiloa Libra

Fotos: Renan Silva

A presidente Dilma Rousseff utilizou um verdadeiro aparato repressor no dia 21 de outubro — tropas do Exército, barcos da Marinha, Polícia Federal, 1º Batalhão de Guarda, homens da Cavalaria — para possibilitar a primeira venda do pré-sal, o megacampo de Libra, às empresas privadas multinacionais e reprimiu as manifestações contrárias ao leilão.

O campo de Libra, na região do pré-sal, é a maior reserva de petróleo já descoberta em território nacional, e foi vendido ao único consórcio do leilão, formado pela Petrobras (10% mais os 30% obrigatórios), pela anglo-holandesa Shell (20%), pela francesa Total (20%) e pelas chinesas CNPC e CNOOC (10% cada). A oferta foi de 41,65% do lucro em óleo à União e o pagamento de um bônus de R\$ 15 bilhões.

No dia seguinte, Dilma fez pronunciamento em cadeia nacional para falar que o leilão de Libra não significava a privatização do petróleo brasileiro, classificando o sistema de partilha como uma vitória. Para o coordenador-geral da Federação Única dos Petroleiros (FUP), João Antônio de Moraes, mesmo a manutenção da produção nas mãos da Petrobras não representa uma vitória: “Na teoria, a Petrobras será responsável pela produção. Na prática, porém, 60% do controle está em mãos estrangeiras. Portanto, a lógica de extração, produção e investimento será estrangeira”.

O coordenador de Comunicação Sindical do Sintufjr, Francisco Carlos, avaliou que com o leilão de Libra a presidente Dilma dá uma demonstração clara da falta de norte político de seu governo: “Em 2010 ela disse que era contra a venda das reservas de petróleo; agora faz diferente. Está perdendo o rumo”.

Operação de guerra

A Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro, foi o palco de mais essa batalha dos movimentos contra a política de privatização iniciada na década de 1990 por Collor de Melo, incrementada por FHC e continuada por Lula/Dilma. A transação se deu dentro do Hotel Windsor. No caso do petróleo brasileiro, persiste a luta contra sua total privatização congregada na campanha “O Petróleo Tem que Ser Nosso”. O Sintufjr tem tradição na luta contra a privatização e mais uma vez estava presente reforçando a mobilização de rua em defesa do patrimônio do povo brasileiro.

O protesto reuniu cerca de 500 pessoas, entre integrantes de sindicatos, organizações não governamentais, movimentos sociais e estudantil, partidos de esquerda e centrais sindicais como CUT e CTB. O Sintufjr participou dos protestos do início ao fim e rechaçou a operação de guerra montada pelo governo Dilma e Sérgio

Cabral. A operação denominada “Garantia da Lei e da Ordem” foi executada pelo Comando Militar do Leste e contou com mais de mil homens. Não faltaram bombas de gás lacrimogêneo, balas de borracha e spray de pimenta.

“A truculência da Força Nacional de Segurança não teve limites. Fizemos fotos para mostrar aos trabalhadores e reunimos os artefatos usados para conter a manifestação e provar a violência que está sendo empreendida pelo governo nos atos de rua. Assim como estamos lutando contra a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) nos nossos hospitais universitários, vamos continuar lutando contra mais essa decisão do governo de entregar nosso petróleo. E não vai haver vitória por parte dele”, promete o dirigente do Sintufjr Francisco Carlos.

Além de Francisco Carlos, participaram da manifestação os coordenadores-gerais Francisco de Assis e Celso Procópio, e o coordenador de Organização e Política Sindical Rubens Moraes. Pela base, participaram Pulé e Riquinho.

Partilha

A licitação foi a primeira na era do pré-sal e inaugurou um modelo de partilha em contraposição ao processo de concessão que antes era praticado no país. De acordo com o novo sistema, aprovado em 2010 pelo ex-presidente Lula para substituir o regime de Fernando Henrique Cardoso, as empresas não têm mais propriedade do petróleo e do gás extraídos. A posse cabe à União, que recebe da empresa vencedora parte da produção, já sem custos. No caso de Libra, no máximo 41,65% do lucro em óleo ficam no país.

Segundo levantamento da Agência Nacional do Petróleo (ANP), o campo tem capacidade de produção entre 12 e 15 bilhões de barris de petróleo, o equivalente a toda a reserva nacional — em torno de 14 bilhões —, e renderia mais de 2 trilhões de dólares ao país.

Estrangeiros não investem no Brasil

O coordenador da Federação Única dos Petroleiros, João Antônio Moraes, comenta que a entrada de empresas transnacionais não ajuda a economia brasileira, porque o investimento não é feito aqui. “A Shell, grande vencedora do consórcio, fará o que tem feito até agora: não vai comprar navios brasileiros, não vai investir em petroquímica ou no refino e ainda precarizará as relações de trabalho, como já faz, com a contratação praticamente total de terceirizados para fazer um trabalho que deveria ser responsabilidade da própria empresa, colocando em risco também meio ambiente e comunidades”, enfatiza.



FRANCISCO de Assis; Darby Igayara, presidente da CUT-RJ; Rubens Nascimento; Francisco Carlos; Ronaldo Leite, presidente da CTB; Celso Procópio e Pulé



Contratação temporária pode ganhar apoio do MPF

Essa é a expectativa do pró-reitor de Pessoal, Roberto Gambine, que participou da reunião no HU e apresentou medidas que serão adotadas para minimizar a falta de pessoal nas unidades de saúde da UFRJ

Roberto Gambine informou que em 2010, com base no Decreto nº 7.232, foi criado um quadro de referência dos técnicos-administrativos que permite a ocupação das vagas abertas por aposentadoria, falecimento, exoneração e redistribuição. Por conta disso, a PR-4 lançou o Edital 63/2013 para cargos da área da saúde das unidades hospitalares.

Mas devido ao agravamento da crise no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF) e, principalmente, no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG) por falta de profissionais da área médica, o pró-reitor decidiu homologar o resultado de todos os aprovados no concurso.

“A gente espera chamar para o dobro das vagas oferecidas no edital”, anunciou Gambine, reafirmando que seu objetivo é aproveitar o máximo de vagas, seja pelo quadro de referência, por negociação com o governo ou por decisão judicial – referindo-se à recente ação civil pública movida pelo Ministério Público Federal (MPF) que obriga a UFRJ a realizar contratação temporária para minimizar a falta de profissionais no HU e substituir extraquadro em atividades-fim.

Cerco à UFRJ se fecha

Gambine voltou a afirmar que a universidade não terá condições de manter os extraquadro em 2014, e essa decisão não é da Reitoria, mas dos órgãos de controle. “A universidade não tem amparo legal que permita manter essas contratações”, justificou.

Ele disse que a UFRJ foi chamada pela juíza da 19ª Vara Federal, onde está o processo aberto pelo MPF, para apresentar os instrumentos e alternativas de que dispõe para o HUCFF, e sua intenção é levar a minuta de contrato temporário em busca do apoio de uma decisão judicial.

“Se a gente adquire essa alternativa, abre possibilidades para a universidade toda”, projeta o pró-reitor, informando que outras instituições, como a UFF e o Inca, já se utilizam desse recurso.

Mais medidas adotadas

O pró-reitor de Pessoal infor-

mou que formalizou na Secretaria de Relações de Trabalho pedido com base na Lei nº 8.745/93, que permite a contratação temporária por um ano e renovável por mais um, para que a UFRJ possa organizar o processo seletivo nos moldes estatutários. Mas ainda não há nenhuma resposta do governo.

Ele também anunciou que, conforme agiu em relação ao Edital 63, irá homologar os mais de 300 aprovados do Edital 312/2012 (com pouco mais de 100 vagas previstas). Estando homologados, eles poderão ser chamados assim que forem abertas mais vagas.

Por fim, o pró-reitor apontou mais uma alternativa: o quadro de vagas abertas nas classes D e E, tradicionalmente voltadas para áreas acadêmicas, poderia servir para repo-

Aprovados serão empossados em dezembro

A PR-4 pretende dar posse à primeira leva de aprovados dos Editais 63 e 312 (cerca de 300 servidores) até 4 de dezembro, para incluí-los na folha ainda este ano. Segundo Roberto Gambine, “é a afirmação de que a UFRJ quer servidor RJU nos hospitais”.

Não haverá demissão coletiva em janeiro

Foi o que garantiu Gambine à comunidade do HU, onde em diversos setores os extraquadro são maioria. O pró-reitor deixou claro que não haverá atitudes intempestivas. “O entendimento do reitor é que dificilmente teremos permissão de manter essa situação (presença de extraquadro) ao longo do próximo ano. Não há, do ponto de vista interno, decisão de demissão em massa a partir de janeiro”, frisou.

Trabalhadores na gestão do HU

O coordenador-geral do Sintufrj Francisco de Assis criticou o fato de o governo



ROBERTO Gambine: extraquadro não serão dispensados em massa em janeiro

sição de pessoal nos hospitais universitários.

“É uma série de ações que

a gente está desenvolvendo para dar fôlego aos hospitais e não deixá-los vulneráveis por falta

de profissionais”, resumiu Gambine, embora reconheça que as ações não são para curto prazo.

Ato em defesa do HU no dia 29

Romildo Bonfim, da direção da Adufrj, solicitou que todos compareçam ao ato público em defesa do HU, no dia 29 de outubro, às 8h, em frente da unidade, convocado pelo Sindicato dos Médicos e outras entidades da área, em conjunto com os trabalhadores do hospital.

Eleição para direção do HUCFF será em novembro

A assessoria de comunicação do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho divulgou o calendário eleitoral e informou a composição da Comissão de Consulta.

Comissão de Consulta

Três docentes: José Eduardo Ferreira Manso (HUCFF), Helio Rocha (Faculdade Medicina), Elen Martins da Silva Castelo Branco (Escola de Enfermagem Anna Nery); um técnico-administrativo efetivo e suplente: Valmir Gomes da Silva (HUCFF) e José Antonio da Silva (HUCFF - suplente) indicados pelo Conselho de Administração; e um aluno: Germano Camargo Fleury Passos (DCE). Presidente da comissão: Helio Rocha.

Calendário

Inscrição de chapas: 29, 30 e 31/10
Campanha eleitoral: início em 4/11 e

término em 22/11
Votação: 25, 26 e 27/11
Apuração: 28/11
Posse: 19/12

Regras

De acordo com as regras aprovadas, poderão se candidatar integrantes da carreira de magistério superior pertencentes ao corpo docente permanente, professor titular ou que seja portador do título de doutor, neste caso independentemente do nível ou classe do cargo ocupado e em atividade no HUCFF.

O site do HUCFF também informa que a assessoria de comunicação dará espaço a todas as chapas e candidatos de forma igualitária. O informe será produzido com o conteúdo enviado pelas chapas e disparado a partir de 4 de novembro, semanalmente, através da lista de e-mails institucional. Confira.

Cantar: o remédio eficaz e sem custos para o estresse

A atividade oferecida pelo Sintufrij à categoria proporciona também outros benefícios, como, por exemplo, melhorar a concentração e prevenir o mal de Alzheimer

Foto: Renan Silva 14/10/2013



MAESTRO Cyrano Sales, ao centro, e participantes do coral num dia de ensaio

A Oficina de Canto Coral do Sintufrij completará três anos em março de 2014. O maestro Cyrano Sales, aluno de Orquestra da Escola de Música da UFRJ, professor da oficina, planeja uma comemoração especial. Este ano, o coral exercitou sua performance apresentando-se em eventos comemorativos da universidade.

“Cantar desestressa. O coral é uma atividade em grupo. Estimula a integração e proporciona momentos de lazer e cultura. Os participantes conhecem outros repertórios e outras línguas”, declara Cyrano.

Façachuva ou façasol, o grupo de 15 alunos bate ponto toda segunda-feira à tarde no Espaço Cultural. Para eles são momentos de relaxamento e integração. O professor explica que cientificamente está comprovado que a realização de outra atividade fora do trabalho auxilia na concentração, na capacidade de cognição do cérebro estimulando áreas pouco utilizadas, e na prevenção do mal de Alzheimer.

Do erudito ao popular

A atividade musical do coral engloba vários gêneros: música clássica, popular, folclórica etc. “Oitenta por cento do repertório para coro é erudito, vem do canto sacro, é muito bonito e atrai as pessoas”, explica o regente. Na oficina do Sintufrij ele faz

um trabalho voltado para a música popular brasileira – o pedido é dos próprios alunos – e ensina também o erudito. “É para enriquecê-los culturalmente, e isso eles também acham importante”, informa.

Na Oficina de Canto Coral, mesmo com a ênfase na música popular, aprende-se a cantar um pouco de tudo. A apresentação da música popular é dividida pelas vozes e os alunos cantam a mesma música em melodias diferentes. “O interessante é que eles têm de se concentrar para cantar em conjunto. Cada um tem uma voz, que no final se juntam para cantar uma música, cada um com a sua voz diferente, formando um grupo harmônico”, observa Cyrano.

A evolução do grupo

Segundo o professor, a evolução dos alunos foi grande, inclusive aprenderam técnicas vocais. “Antes do coro, fazemos um relaxamento corporal, que é a base do canto. Ensino exercícios específicos para canto, e com isso eles têm uma facilidade enorme para cantar. Antes eles não conseguiam respirar, não conseguiam cantar uma frase inteira, pois ficavam sem ar. Com os exercícios, foram ganhando resistência e cantando bem e bonito”, comemora.

Além do canto, o exercício ajuda

também na saúde vocal do servidor. “Isso é muito legal. Eles evoluem muito no canto. É bonito de ver. Fico muito orgulhoso”, elogia o professor, que se lembra de um dos grandes incentivadores da oficina, o também aluno Jorge da Silva, da PR-4: “O Jorge foi quem começou tudo isso. Ele foi ao Sindicato e pediu para ter a oficina. E me convidaram. Pena ele não estar aqui hoje”.

Um exercício mágico

Antes das 16h os alunos começam a chegar e ficam num bate-papo animado na expectativa do começo da aula. O horário é das 16h20 às 18h30. A oportunidade de combater o estresse e se integrar são fatores que eles relacionam como positivo nesta oficina.

“Lido o dia todo com o servidor. É estressante. Saio daqui bem relaxada, leve. Conversamos, cantamos. É relaxante! Precisamos ter qualidade de vida. No dia em que não tenho aula fico triste, fico até com medo que termine a oficina, como aconteceu com o coral da Reitoria. Acho que tem que divulgar mais”, diz Marli dos Santos, 56 anos, da PR-4.

Vera Menezes, 58, estuda terapia ocupacional na UFRJ e considera a aula de canto coral uma disciplina de sua área. “É uma terapia no sentido da técnica de desenvolvimento

motor e percepção auditiva”. Já a música produzida tem seu lado lúdico e social. “A música inebria nosso espírito e nossa alma. Amo música. Faço violão, leio partituras. Me ajuda no ritmo. Aprendo muitas coisas com o professor”.

A aposentada Áurea Teresa de Deus Reis, 61 anos, conta que se distrai nas aulas de canto. Entusiasmada, declara que se ocupa e ganha forças para seguir a vida. “Reenergiza”. Assim como Jorge da Silva, Eliaquim de Souza, 46 anos, é uma das poucas vozes masculinas do coral. “Cantar e estar com os amigos é muito bom, mas sinto falta de nos apresentarmos fora da universidade, de viajar. No coral da Reitoria viajávamos muito. Isso incentiva!”, sugere.

Selma de Almeida, 55 anos, da PR-3, veio para a oficina levada por Jorge da Silva. Muito alegre, diz que gosta de cantar e principalmente de estar em grupo. Ela comenta que existem dificuldades na oficina como em qualquer outro lugar, mas que isso não pode justificar o seu fim. “Fazer parte de um grupo é muito gostoso. Temos problemas, e isso provoca receio de que a oficina termine. É o que não gostaríamos. Tudo o que não pode acontecer é acabar o coral”.

O colaborador do Sintufrij

Antonio Eduardo, 54 anos, é um dos novos integrantes do coral. Ele explica que foi motivado pela nova proposta de participação das atividades pela direção.

A funcionária da Prefeitura da UFRJ, Alzira Trindade, afirma que manter o grupo é o mais importante, pois a oficina proporciona integração. “É um prazer encontrar colegas de outras unidades, com outras experiências, e juntarmos nossas vozes. Procuramos oferecer o melhor e de acordo com a realidade do servidor da universidade. O nosso maestro é competente, um professor qualificado e muito paciente, pois ensinar a cantar não é para qualquer um”.

O coro divide-se em quatro vozes: sopranos, contraltos, tenores e baixos. Na Idade Média, o canto coral era uma atividade reservada aos homens. Mas com a Reforma Protestante as mulheres começaram a participar



Muita magia e alegria

Fotos: Renan Silva 18/10/2013

Não faltou nada na festa para as crianças promovida pelo Sintufrrj no dia 18 de outubro, na praça em frente à sede da entidade e no Espaço Cultural. Havia de tudo: foto animada, oficina de malabares, animadores, teatro, pula-pula e as guloseimas preferidas da garotada, como pipoca, algodão-doce, cachorro-quente, hambúrguer, pizza, sorvete.

As 143 crianças inscritas de 0 a 12 anos tiveram direito a um brinquedo. A festa começou às 13h e terminou às 17h, e o ponto alto foi a apresentação do espetáculo “Brincadeiras de Criança – Arte de Portinari”, do projeto Faz e Acontece, da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ. O evento acabou em samba, com a apresentação da Estrelinha da Mocidade – escola de samba mirim da Mocidade Independente de Padre Miguel.



Elogios

Os pais elogiaram a festa, apenas lamentaram ter sido realizada em dia de aula, o que dificultou a participação de mais crianças. A auxiliar de enfermagem do HU Andrea Vieira estava com a filha Olívia, de 4 anos, e adorou: “É o primeiro ano que não estou de plantão, então pude vir. Valeu muito a pena! Estou encantada. As pessoas não têm muita noção do que é a festa para as crianças, ficam desanimadas, algumas por morarem distante, e não vêm. Vou falar no meu setor o que eles perderam. A organização da festa está de parabéns”.

Glória Sarmento, do Instituto de Bioquímica Médica, trouxe o filho Lucas, de 10 anos, e só fez uma ressalva: a de que a festa poderia ter sido no feriado do dia do professor. “Muitas crianças estão estudando, por isso no feriado do dia 15 seria melhor. Só isso, porque a estrutura da festa



está muito legal”. A aposentada Sônia Santana trouxe as duas netas: Brenda Júlia, 8 anos, e Alane Cristine, 6 anos: “Sempre costumo trazer minhas netas. Elas gostam muito e ficam ansiosas para vir. Eu gostei muitíssimo, mas é uma pena que tenha pouca criança por ser dia de aula”.

A técnica de enfermagem do HU Daniela Rodriguez trouxe o filho Paulo Bernardo, 4 anos: “Venho em quase todas as atividades do Sindicato, mas esta festa está simplesmente maravilhosa! Tudo de bom gosto e o ambiente agradável. E o Paulo está se divertindo muito, e o principal é fazer nossas crianças felizes”.

Arte, teatro e dança



O espetáculo do projeto Faz e Acontece explorou o mundo das artes, do teatro e da dança. O universo infantil do brincar e da cultura popular. Foram lembradas as brincadeiras que povoaram a temática lúdica do grande pintor brasileiro Cândido Portinari, ao mesmo tempo que sua obra era explicada às crianças.

Os adultos viram-se transportados para a sua infância ouvindo cantigas de roda como “Ai, eu entrei na roda”, “Cai, cai, balão”, “Capelinha de melão”, “Se essa rua fosse minha”, “O cravo e a rosa”, “Escravos de Jó”, “O sapo não lava o pé”, etc. E muitas crianças tiveram a oportunidade de ouvi-las pela primeira vez.

“Minha neta tem 4 anos e recebeu de presente um tablet. Ela não conhece as cantigas de roda, e a culpa é nossa. Esse universo lúdico tem que ser preservado e lembrado”, declarou Márcia Farraia, coordenadora de Administração e Finanças do Sintufrrj, uma das organizadoras da festa.



ALANE Cristine, Sônia Santana e Brenda Júlia



ANDREA Vieira e Olívia



